

# Recomendações para a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para a pesquisa e a prática em Terapia Ocupacional

## Recommendations for translation and cross-cultural adaptation of instruments for occupational therapy research and practice\*

Wendy J. Coster<sup>1</sup>, Marisa C. Mancini<sup>2</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p50-57>

Coster WJ, Mancini MC. Recomendações para a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para a pesquisa e a prática em Terapia Ocupacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015 jan./abr.;26(1):50-7.

**RESUMO:** Grande parte do desenvolvimento e validação de novos instrumentos para o uso na pesquisa e na prática da reabilitação ocorreu em países de língua inglesa. Assim, pesquisadores e profissionais da reabilitação em outros países precisam, inicialmente, assumir a tarefa de traduzir tais instrumentos para outros idiomas e validar seu uso em um contexto cultural diferente. É necessário que esse processo siga diretrizes sólidas para que o instrumento traduzido possa ser validado para uso. No entanto, há poucas discussões na literatura em Terapia Ocupacional sobre como melhor conduzir a tradução ou como avaliar a validade de um instrumento traduzido. O objetivo deste artigo é oferecer orientações aos leitores que estejam considerando traduzir um instrumento para a pesquisa ou a prática em Terapia Ocupacional e auxiliar os profissionais a avaliarem o uso de instrumentos traduzidos em sua prática clínica.

**DESCRIPTORIOS:** Medidas, métodos e teorias; Tradução; Comparação transcultural.

Coster WJ, Mancini MC. Recommendations for translation and cross-cultural adaptation of instruments for occupational therapy research and practice. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015 jan./abr.;26(1):50-7.

**ABSTRACT:** Much of the work developing and testing new instruments for use in rehabilitation research and practice has occurred in English-speaking countries. Therefore rehabilitation researchers and clinicians in other countries who want to use these instruments must first undertake the work of translating them into their own language and then validating their use in a different cultural context. This process must follow established guidelines in order for the translated instrument to be valid for use. To date, however, there has been little discussion in the occupational therapy literature about how best to conduct translation or how to evaluate the validity of a translated instrument. The purpose of this article is to provide guidance to readers who may be considering translation of an instrument for occupational therapy research or practice and to assist practitioners who are evaluating whether they should use a translated instrument in their clinical work.

**KEYWORDS:** Measurements, methods and theories; Translating; Cross-cultural comparison.

\*Tradução para o português: Melissa Tieko Muramoto, Terapeuta Ocupacional do Laboratório de Conexões e Intervenção em Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

1. Department of Occupational Therapy. Boston University.

2. Department of Occupational Therapy. Universidade Federal de Minas Gerais.

**Corresponding author:** Wendy Coster, PhD, OTR/L. Department of Occupational Therapy. College of Health and Rehabilitation Sciences: Sargent College. Boston University. 635 Commonwealth Avenue. Boston, MA 02215 - USA. E-mail: [wjcoster@bu.edu](mailto:wjcoster@bu.edu).

**N**os últimos anos, observamos um grande crescimento no desenvolvimento de instrumentos para uso na pesquisa e na prática em reabilitação, especialmente, aqueles que focam a atividade e a participação. De alguma forma, esse foco reflete o crescente reconhecimento de que, sem as mensurações apropriadas, mesmo o ensaio clínico mais bem desenhado não poderá fornecer informações válidas sobre a efetividade do tratamento ou os resultados obtidos a longo prazo junto a sujeitos com incapacidades<sup>1</sup>. Muitos instrumentos mais antigos não foram desenvolvidos para medir esses resultados, tampouco são direcionados às dificuldades da vida diária de sujeitos com incapacidades, ou o fazem de formas tendenciosas ou que não oferecem suporte ao planejamento do tratamento.

Grande parte do desenvolvimento e validação de novos instrumentos para o uso na pesquisa e na prática da reabilitação ocorreu em países de língua inglesa, incluindo o Canadá (Medida Canadense de Desempenho Ocupacional<sup>2</sup>); os Estados Unidos (Stroke Impact Scale (não traduzida e validada)<sup>3</sup>); a Austrália (Melbourne Assessment of Unilateral Upper Limb Function)<sup>4</sup> e Reino Unido (Questionário de Incapacidade Roland Morris (QIRM))<sup>5</sup>. Desta forma, pesquisadores e profissionais da reabilitação de outros países que desejam utilizar esses instrumentos precisam, inicialmente, assumir a tarefa de traduzi-los para seu próprio idioma e validá-los para o uso em diferentes contextos culturais. Esse processo não é rápido, nem tampouco simples, e deve seguir diretrizes sólidas para que o instrumento traduzido seja validado para uso. No entanto, há poucas discussões na literatura em Terapia Ocupacional sobre como melhor conduzir a tradução ou como avaliar a validade de um instrumento traduzido. Assim, o objetivo deste artigo é oferecer algumas orientações aos leitores que estejam considerando traduzir um instrumento para a pesquisa ou prática em Terapia Ocupacional e auxiliar os profissionais a avaliarem o uso de instrumentos traduzidos em sua prática.

### **Considerações Gerais**

Antes de iniciar uma tradução, duas questões importantes devem ser avaliadas com atenção. A primeira questão é se o instrumento é realmente necessário e por que. A tradução e a validação transcultural requerem recursos e esforços substantivos e nem todos os instrumentos utilizados em outros contextos são necessariamente um bom investimento desses recursos. Uma boa maneira para os tradutores avaliarem essa questão é elencar quais aspectos importantes da pesquisa ou da prática clínica tal

instrumento traduzido possibilitaria responder e por que as ferramentas já disponíveis são inadequadas para este propósito. Em outras palavras, os tradutores devem ter uma ideia clara dos seus objetivos específicos para o instrumento e do contexto no qual eles querem usá-lo. Um exemplo desse tipo de reflexão pode ser: “Este novo instrumento inclui questões sobre a participação social do sujeito que não estão incluídas em quaisquer outros instrumentos disponíveis. Portanto, nós não temos como coletar dados sistemáticos sobre a participação social de pessoas com esclerose múltipla”.

Uma segunda questão importante é se o instrumento proposto para a tradução é realmente o melhor instrumento a ser utilizado para tal objetivo. No contexto da tradução, isso significa: o instrumento é adequado ao objetivo, à população e ao contexto clínico pretendidos? Essa questão não pode ser respondida sem uma avaliação cuidadosa do conteúdo, incluindo os critérios de avaliação e classificação e a literatura publicada sobre o instrumento original. Se um instrumento contém muitos itens referentes às atividades diárias ou sobre o uso de objetos e equipamentos que não são comuns na cultura do tradutor, isso pode levantar dúvidas sobre a relevância transcultural. Por exemplo, se a avaliação do desenvolvimento de crianças é realizada com o uso de brinquedos que não estão disponíveis na cultura onde se dará a tradução. Embora as instruções às crianças possam ser traduzidas para o idioma do tradutor, a manipulação dos objetos não pode ser validamente comparada a crianças que tem anos de experiência manipulando o objeto em seu contexto cultural, origem do instrumento. Em outras palavras, o instrumento traduzido não será útil para avaliar as mesmas habilidades (veja Tabela 1 para alguns exemplos). Um instrumento diferente que permita maior flexibilidade na escolha de objetos pode ser mais adequado para a tradução, pois possibilitaria aos usuários a substituição de objetos que não são familiares em sua cultura local.

Outro exemplo envolve itens que pedem ao cliente que respondam sobre suas atitudes, crenças ou estado emocional. Diversas questões devem ser consideradas. A primeira questão é se os conceitos aos quais o item se refere existem na cultura onde se dará a tradução. Por exemplo, conceitos tais como empoderamento são proeminentes na literatura inglesa sobre reabilitação, mas podem não fazer sentido para clientes que vivem em culturas que valorizam mais a interdependência que a autonomia individual. As culturas também têm diferentes padrões no que diz respeito aos tópicos aceitáveis em uma conversa. Tal diferença pode gerar dificuldades se o instrumento, que será utilizado em um contexto de entrevista, contiver muitos

itens que seriam considerados inapropriados ou até mesmo ofensivos (por exemplo, questões sobre renda ou compor-

tamento sexual) (ver Herdman et al.<sup>6</sup>, para uma discussão detalhada).

**Tabela 1** - Exemplos de itens de instrumentos dos Estados Unidos da América que podem ser culturalmente inadequados em outros países

Item	Questão
Entrar e sair da banheira	Casas em muitos países só dispõem de chuveiros, não banheiras
Prática de esportes de neve	Não apropriado em países que não tem um inverno rigoroso
Participar de times, clubes e organizações financiados pela escola	Em muitos países, times e clubes são financiados por grupos da comunidade, não por escolas
Descer e subir uma escada rolante	Só será encontrada em áreas urbanas, não rurais

Finalmente, é importante avaliar as evidências psicométricas para determinar se elas suportam o uso do instrumento para os objetivos e contexto cultural do tradutor. Além de avaliar os critérios padrão de coeficientes de confiabilidade e evidências de validade, caso o tradutor pretenda usar o instrumento para avaliar as mudanças relacionadas ao tratamento. Neste caso, as evidências de sensibilidade ou receptividade às mudanças serão importantes<sup>7</sup>.

Na próxima seção, nós revisaremos uma série de passos necessários à tradução com exemplos para ilustrar algumas das questões que possam aparecer. Cinco passos importantes serão discutidos: 1) Permissão; 2) Tradução e concordância; 3) Tradução-reversa e concordância; 4) Revisão da versão final; 5) Avaliação.

### ***Passo 1: Permissão Assegurada***

Antes que qualquer trabalho de tradução seja iniciado, é necessário obter a permissão da fonte apropriada. Se o instrumento é comercialmente publicado (por exemplo, por uma editora), o editor, não o autor, deve ser contatado, já que o editor detém os direitos autorais. Se não for este o caso, o primeiro autor (geralmente identificado no formulário de classificação do instrumento ou em artigos publicados) é a pessoa a ser contatada. O primeiro contato tem dois propósitos: primeiro, averiguar se outra pessoa já não começou uma tradução em seu país e idioma de interesse; e segundo, discutir com o autor as exigências para um acordo de tradução. A maioria dos autores e editores exige algum tipo de protocolo escrito do tradutor que descreva quem coordenará o projeto, quem fará a tradução (por exemplo, um documento que comprove a especialidade do tradutor nos dois idiomas), quais componentes do instrumento serão traduzidos (por exemplo, itens, formulário de classificação, manual, formulário para o relatório) e quais passos serão seguidos. Há outras questões importantes a serem discutidas entre o autor/editor e o tradutor. Algum

tipo de adaptação transcultural será certificada? As respostas a essa questão podem depender do tipo de instrumento. Avaliações da funcionalidade podem permitir maior variação, visto que o objetivo é avaliar o desempenho da pessoa em seu contexto. Quem publicará e distribuirá o instrumento traduzido? Alguns editores exigem manter todo o controle sobre a distribuição (e sobre os lucros da venda) do instrumento traduzido. Em instrumentos disponíveis no formato impresso, que podem ser xerocados, o autor/editor pode exigir que algumas informações sobre autoria e direitos autorais devam ser incluídas em um formato específico. Haverá alguma restrição sobre quem poderá usar o instrumento traduzido? Em algumas situações, o editor poderá garantir a permissão para uso da versão traduzida em pesquisa, mas não para o uso na prática clínica. No Apêndice A, há um exemplo do conjunto de diretrizes que podem ilustrar algumas questões que potenciais tradutores devem considerar. O tradutor também deve confirmar se o representante do autor ou editor ficará disponível para ser consultado sobre quaisquer questões ou problemas que possam aparecer durante o processo de tradução.

Baseado nas conversas e orientações fornecidas pelo autor/editor, o coordenador do projeto de tradução prepara um protocolo final para o processo de tradução proposto. Esse passo do processo só é finalizado quando o autor/editor e o coordenador da tradução chegam a um acordo sobre as questões e documentam esse acordo no papel.

### **Passo 2: Tradução**

Até este ponto, nós nos referimos ao “tradutor”, mas, na realidade, a tradução deve ser um esforço colaborativo de equipe. A tradução de materiais de um idioma para outro nunca é um processo linear: pode haver múltiplas opções para a tradução de uma palavra ou frase em particular ou pode não haver uma tradução exatamente

equivalente para um termo em particular. Diferentes tradutores podem fazer escolhas diferentes, por isso, procedimentos recomendados para a tradução envolvem replicação em diversos pontos. Da mesma forma que a média de resultados de vários testes para força de preensão ou velocidade de marcha nos fornece uma estimativa mais confiável sobre a real habilidade de uma pessoa, a comparação entre duas traduções diferentes ajuda a assegurar que a versão final seja a mais precisa possível. A tradução inicial deve ser feita por pelo menos duas pessoas trabalhando de forma independente. Alternativamente, duas equipes de 2-4 pessoas cada pode completar a tradução inicial. É importante que os dois tradutores ou equipes não se comuniquem entre si sobre o trabalho até que a tradução esteja completa, de forma que as versões possam ser comparadas posteriormente. Junto ao tradutor, outra pessoa com fluência no idioma estrangeiro deve atuar como um coordenador do processo de tradução.

A qualificação mais óbvia para um tradutor é a fluência em ambos idiomas, o de origem do instrumento e o idioma para o qual será traduzido. Orientações já publicadas recomendam que o idioma nativo do tradutor seja o idioma para o qual o instrumento será traduzido<sup>8,9</sup>. Entretanto, também é importante que o tradutor tenha familiaridade com o contexto para o qual o instrumento foi desenvolvido assim como com o próprio instrumento. Por exemplo, a Terapia Ocupacional, a reabilitação e a Medicina usam termos com significados particulares que são bem compreendidos pelos profissionais da área, mas talvez não sejam claros para pessoas de fora do campo. Esse conhecimento especializado pode ser útil na escolha entre diversas opções possíveis para a tradução de uma palavra ou termo. A familiaridade com o instrumento ajuda o tradutor a compreender qual o objetivo de um determinado item ou critério de pontuação, auxiliando-o na escolha de um significado equivalente a ser utilizado na tradução. Leitura cuidadosa do manual do instrumento e artigos relacionados antes de começar a tradução ajuda a construir essa familiaridade.

Uma vez que as duas traduções independentes estejam finalizadas, elas devem ser entregues ao coordenador do processo de tradução, que iniciará o processo de conciliação. Esse passo envolve a comparação entre as duas versões para identificar pontos de diferença e então conciliá-las para criar uma versão única. Esse processo pode ser desenvolvido de diversas maneiras, dependendo da equipe. Uma abordagem possível é reunir os membros das duas equipes, juntos ao coordenador, para revisar e discutir as discrepâncias até chegar a um consenso sobre cada ponto. Se o autor do instrumento tiver concordado

em participar do processo de tradução, os pontos sobre os quais as equipes não concordarem podem ser apresentados ao autor para obter mais informações sobre o objetivo da versão original. Essa informação adicional pode ajudar a equipe a determinar a tradução mais apropriada. Se a equipe não for capaz de chegar a um consenso sobre os métodos, pode ser necessário convidar revisores adicionais para auxiliar na solução da diferença. Obviamente, é ideal que os revisores adicionais tenham a mesma noção em termos de habilidades com os idiomas e conhecimento profissional tal qual os tradutores originais.

Quando o consenso sobre a versão final do instrumento traduzido for atingido, chega o momento de iniciar o processo de tradução-reversa.

### ***Passo 3: Tradução-reversa***

A tradução-reversa é um processo de conferência da precisão da tradução. Neste passo, o instrumento traduzido é retraduzido ao seu idioma original e então comparado à versão original. A tradução-reversa deve ser feita por uma equipe que não tenha estado envolvida na tradução original, para que não haja vieses. Similar ao processo de tradução, é recomendado que duas pessoas, ou dois pequenos grupos, façam traduções-reversas independentes, que depois sejam comparadas. Se possível, ao menos um dos tradutores deve ter o inglês como primeiro idioma.

Ao término da tradução-reversa, a coordenação da tradução compara as duas versões para identificar discrepâncias entre elas e entre as traduções-reversas e o instrumento original. Há diversas maneiras de trabalhar as discrepâncias que possam aparecer. Geralmente, pequenas diferenças gramaticais podem ser ignoradas (a menos que a habilidade no idioma seja o foco da avaliação). Diferenças entre a tradução-reversa e a versão original que possam indicar sentidos diferentes são mais importantes. Para resolver essas questões maiores, o coordenador do processo de tradução e os tradutores-reversos podem discutir as diferenças e, a partir das discussões, chegar a um acordo sobre a melhor tradução. Diferenças na tradução-reversa podem indicar diferenças simples na forma de expressar certos significados e, portanto, não deve ser difícil conciliar o instrumento original ao traduzido. Se não houver acordo, pode ser importante consultar um especialista bilíngue que possa recomendar a interpretação e tradução mais apropriadas do termo em inglês.

É muito importante que o processo de tradução e tradução-reversa contemple todas as seções do instrumento que possam afetar sua aplicação e pontuação. Assim, não apenas os itens, mas também o sistema de pontuação e

a descrição da classificação devem passar por esse processo, bem como as instruções para a aplicação e pontuação. Variações impróprias de qualquer um desses aspectos do instrumento podem afetar a validação transcultural da versão traduzida.

Após realizado o consenso entre a tradução, a tradução-reversa e a versão original, dois passos adicionais são muito úteis. O primeiro passo é submeter a versão traduzida a um novo grupo de potenciais usuários do instrumento, tais como profissionais que não estiveram envolvidos no processo de tradução. O objetivo dessa revisão externa é identificar partes onde o sentido do termo não esteja claro ou que os termos usados soam estranhos ou não familiares. Em países grandes como o Brasil, pode ser importante recrutar revisores de diversas regiões, afim de verificarem se a linguagem utilizada é consistente com a linguagem falada em cada região.

Um segundo passo, conhecido como “teste cognitivo” ou “entrevista cognitiva”, é particularmente importante para instrumentos autorreferidos ou que utilizam entrevistas. Esse processo implica em aplicar o instrumento traduzido em sujeitos alvo e avaliar se os itens foram compreendidos como esperado. Por exemplo, pode ser solicitado a um pai que preencha uma medida sobre as habilidades de vida diária de seu filho. Após a leitura de cada questão, o entrevistador solicita ao pai que fale em voz alta como compreendeu cada item e qual seria a resposta apropriada considerando seu filho. Dessa forma, o entrevistador pode dizer imediatamente se o pai achou o item confuso, se não entendeu alguma palavra ou se não consegue decidir qual a resposta mais apropriada. Ao ouvir cuidadosamente ao pai, o entrevistador pode ser capaz de identificar maneiras para melhorar a linguagem. A equipe de tradução pode aplicar duas ou três entrevistas, fazer as alterações necessárias, e então aplicar mais duas ou três entrevistas para se certificar de que as alterações corrigiram os problemas (para maiores detalhes ver Collins<sup>10</sup> e Streiner e Norman<sup>11</sup>). Ao fazer alterações, a equipe deve ter cuidado para garantir que o sentido original do termo seja mantido.

#### ***Passo 4: Desenvolvimento da versão final***

Geralmente, o último passo do processo de tradução implica em uma revisão realizada pelo autor e/ou editor original do instrumento, que garantirá que a tradução esteja precisa e que manteve as características mais importantes do instrumento original. Eles usarão a versão da tradução reversa do instrumento para esse propósito. A situação ideal é quando o autor pode colaborar diretamente com a equipe de tradução nesta revisão. Por exemplo, se

o autor encontrar termos na tradução-reversa que não sejam idênticos aos da versão original, ele pode discutir com a equipe para determinar se o termo traduzido mantém o sentido pretendido no idioma de tradução. Se não estiver exatamente igual, o autor pode auxiliar a equipe a compreender o sentido do termo em inglês e então definir o termo mais equivalente no idioma de tradução.

#### ***Passo 5: Avaliação do instrumento traduzido***

Chegar a uma tradução aprovada é uma grande realização. Entretanto, antes que o instrumento possa ser usado com segurança na pesquisa e na prática, ele precisa ser avaliado assim como qualquer novo instrumento. Quanto maiores as diferenças entre o idioma e a cultura entre os países de origem e de tradução do instrumento, mais crítica essa avaliação deve ser. Entretanto, mesmo entre culturas que compartilham muitas similaridades em termos de nível de desenvolvimento tecnológico, a organização social ou os valores podem variar de forma a influenciar como as pessoas respondem ao instrumento. Essas diferenças podem afetar tanto a confiabilidade quanto a validade.

No mínimo, são necessárias informações sobre a consistência interna das escalas e estabilidade do sistema de pontuação em diversas ocasiões (teste-reteste) e/ou avaliadores (interavaliadores). Essas informações são utilizadas como evidência de que os itens avaliam um construto comum subjacente e que a pontuação gerada em uma ocasião ou por um avaliador único oferece uma estimativa sólida sobre o desempenho típico de uma pessoa, sua experiência com a incapacidade, estado emocional ou crenças. Essa informação também é necessária para estimar o desvio padrão do instrumento, assim os usuários podem determinar se as mudanças ao longo do tempo são maiores que os desvios de mensuração<sup>11</sup>.

Prioridades sobre avaliações extras dependem da natureza do instrumento e das necessidades imediatas dos prováveis usuários. Por exemplo, se o instrumento será usado para a avaliação do desenvolvimento de crianças, serão necessários dados normativos do país para o qual o instrumento está sendo traduzido, visto que não devemos assumir que as normas do país de origem serão apropriadas. Por outro lado, se o instrumento será usado para avaliar incapacidade, então será necessário avaliar se a pontuação do instrumento traduzido dialoga com outras medidas de incapacidade em uso no país. Se o instrumento tem muitas subescalas baseadas em análise de fatores, essas subescalas devem ser replicadas com dados obtidos já com o instrumento traduzido, para determinar se a estrutura foi mantida. Finalmente, se o instrumento foi desenvolvido usando os métodos Rasch ou

IRT, essas análises devem ser repetidas em uma amostra no país de tradução, incluindo a análise de adequação do item e da ordem de dificuldade dos itens, bem como a comparação entre as estimativas de dificuldade dos itens para avaliar se há diferenças significativas entre as duas versões (funcionamento diferencial do item ou DIF)<sup>7</sup>.

### ***Considerações para a equivalência cultural***

No início deste artigo, a questão da equivalência transcultural foi introduzida ao aconselhamos a avaliar o instrumento por sua relevância cultural antes de iniciar o processo de tradução. No entanto, questões sobre relevância cultural podem aparecer a qualquer momento do processo de tradução, levantando, por sua vez, questões sobre como resolver esses problemas. Por exemplo, um item em um instrumento autorreferido de atividades diárias pode ser prontamente traduzível, mas um ou mais exemplos utilizados para ilustrá-lo pode não ser apropriado (por exemplo, um item sobre utensílios para alimentação usa o exemplo de hashis e não de garfo e faca). Essa é uma das situações nas quais discutir com o autor pode ser especialmente importante, pois só o autor poderá definir se, ao se alterar o exemplo, altera-se significativamente o item ou quais exemplos substitutos disponíveis melhor mantem o sentido original do item.

Outra questão pode ser ainda mais desafiadora. Por exemplo, em algumas culturas onde há serviços disponíveis para pessoas com incapacidades, os usuários desses serviços podem estar familiarizados com termos tais como “barreiras”, “apoio” ou “acessibilidade”. Embora seja possível

encontrar traduções literais desses termos, eles podem não ser tão familiares e até mesmo inacessíveis para os usuários. É aceitável substituir termos diferentes que são mais familiares aos potenciais respondentes ao instrumento? Tal alteração pode melhorar a validade local, mas pode fazer com que o instrumento traduzido não seja totalmente comparável ao original. Esse é outro exemplo no qual a discussão com o autor pode ser crucial para encontrar a solução mais adequada. Alguns autores são muito rígidos quanto à alterar o instrumento original, casos em que a equipe de tradução deverá decidir se o objetivo pode realmente ser atingido durante a tradução. Se não, a equipe precisará encontrar ou desenvolver um instrumento alternativo.

### **CONCLUSÃO**

A tradução de um instrumento existente tem muitas vantagens sobre desenvolver um instrumento completamente novo. Geralmente, há um corpo de pesquisa que apoia a confiabilidade das pontuações e sua validação para objetivos particulares. Além disso, pessoas que já utilizaram o instrumento podem ter reportado situações particulares nas quais ele foi mais útil. A disponibilidade dessas informações pode ajudar o potencial tradutor a fazer escolhas informadas sobre proceder ou não com a tradução. O uso de instrumentos traduzidos também auxilia a estabelecer diálogos entre achados de pesquisa de diferentes países e a identificar quão similares ou diferentes são os resultados em várias regiões do mundo<sup>12</sup>. Tirar proveito dessas vantagens, entretanto, depende de um esforço cuidadoso e sistemático de tradução.

---

### **Apêndice A. Exemplo de Orientações para a Tradução e Adaptação Transcultural de um Instrumento**

Obrigado por dispensar um tempo para ler nossas orientações e propor a tradução do Instrumento para o seu idioma. A tradução do conhecimento e o compartilhamento de informações é uma parte vital do trabalho que fazemos.

Disponibilizar o Instrumento para outro idioma requer a tradução do que segue:

- Itens e critérios de pontuação;
- Guia de aplicação;
- Formulários para reportar a pontuação;
- Manual.

Você deve se certificar de que tem os recursos para cobrir todos os custos da tradução. Os autores do Instrumento solicitam comprovação de que esses recursos estarão disponíveis para a(s) pessoa(s) que se propuserem a fazer a tradução antes de aprovar a solicitação de tradução.

Os passos para conduzir um processo aprovado de tradução do Instrumento estão listados abaixo:

1. Antes de começar a traduzir qualquer parte do Instrumento, nos contate via (EMAIL) para obter a aprovação para prosseguir. Nós faremos uma verificação para assegurar que uma tradução similar já não esteja em progresso e que você tenha os recursos necessários para desenvolver tal projeto. Você precisará submeter a descrição do processo de tradução e adaptação proposto que também inclua:

0. O nome e credenciais (certificados e outras evidências de fluência em tradução do inglês) das pessoas que realizarão a tradução;
  1. Nomes ou descrição dos potenciais usuários que farão a revisão da tradução;
  2. Nomes e credenciais das pessoas que farão a tradução-reversa;
  3. Recursos disponíveis para dar suporte aos custos de tradução e adaptação.

Por favor, não prossiga até que você receba um termo de consentimento nosso.

Por favor, assegure que você mantenha todo o conteúdo da versão em inglês do Instrumento em sua tradução, incluindo: informações de direitos autorais, referência aos autores originais, endereço do site, manual etc.

2. Conforme você avance na tradução dos itens do Instrumento para o idioma de sua escolha, por favor, contate (AUTOR) para maiores esclarecimentos.

Por favor, lembre-se que traduções efetivas também precisam levar em conta os costumes e cultura de sua região, de modo a refletir de forma precisa a intenção dos termos da versão original em inglês. Algumas palavras podem não ser diretamente traduzidas e pode ser necessária uma consulta ao autor para assegurar que o sentido correto seja mantido na tradução.

3. Como parte do processo de tradução, deve haver comunicação, de forma breve, sobre o andamento do processo (por exemplo, estágio de progresso da tradução, data possível de finalização etc.) durante o tempo que durar a tradução, que inicialmente determinamos como de um ano. Essas atualizações sobre o andamento do processo devem ser enviadas a (AUTOR) e serão solicitadas a cada intervalo de quatro meses, a partir da data de aprovação de sua intenção de tradução. Se você necessitar de mais tempo para finalizar a tradução, poderá nos solicitar uma extensão.
4. Em sua versão traduzida, por favor, inclua informações sobre a pessoa ou organização que traduziu o documento (incluindo nome e endereço de e-mail) e outros créditos que você julgar convenientes.
5. Tão logo o rascunho de sua tradução esteja pronto, peça a outra pessoa, fluente tanto em inglês quanto no idioma de tradução, que retraduz a sua versão para o inglês (tradução-reversa). Então, encaminhe uma versão eletrônica da tradução-reversa e da tradução para o (AUTOR) para que possamos revisá-las.
6. Ao serem finalizados os passos para a tradução listados acima e a versão traduzida tiver sido aprovada, uma cópia em Word ou Excel da versão final de todos os materiais deve ser encaminhada a nós para registro. Nós também precisaremos do nome e endereço de email da pessoa a quem devemos encaminhar qualquer questão relacionada à tradução.
7. A equipe de tradução pode enviar até três nomes de membros chave da equipe que terão permissão para usar a versão traduzida do Instrumento para suas atividades de pesquisa, sem custos.
8. O editor disponibilizará o instrumento traduzido para compra no site dele. A equipe de tradução receberá uma porcentagem do *royalty* de venda da versão traduzida em seu país de origem por um período de 5 anos.

---

## REFERÊNCIAS

1. Coster WJ. Making the best match: selecting outcome measures for clinical trials and outcome studies. *Am J Occup Ther.* 2013;67:162-70. doi: 10.5014/ajot.2013.006015.
2. Law M, Baptiste S, Carswell A, McColl MA, Polatajko H, Pollock N. *Canadian Occupational Performance Measure.* Ottawa: CAOT; 2005.
3. Duncan PW, Wallace D, Lai S, Johnson D, Embretson S, Laster L. The stroke impact scale version 20. Evaluation of reliability, validity and sensitivity to change. *Stroke.* 1999;30(10):2131-40. doi: 10.1161/01.STR.30.10.2131.
4. Randall M, Carlin J, Chondros P, Reddihough D. Reliability of the Melbourne Assessment of Unilateral Upper Limb Function. *Dev Med Child Neurol.* 2001;43(11):761-7. doi: 10.1111/j.1469-8749.2001.tb00158.x
5. Roland M, Morris R. A study of the natural history of back pain. Part 1: development of a reliable and sensitive measure of disability e low-back pain. *Spine.* 1983;8(2):141-4.
6. Herdman M, Fox-Rushby J, Badia X. A model of equivalence

- in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. *Qual Life Res.* 1998;7:323-35. Available from: <http://goo.gl/S73e7K>.
7. Mokkink L, Terwee C, Knol D, Stratfor P, Alonso J, Patrik D, et al. The COSMIN checklist for evaluating the methodological quality of studies on measurement properties: a classification of its content. *BMC Med Res Methodol.* 2010;10:22-30. doi: 10.1186/1471-2288-10-22.
  8. Beaton D, Bonbardier C, Guillemin F, Ferraz M. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine.* 2000;25(24):186-91. Available from: <http://goo.gl/LF9zgR>.
  9. Wild D, Grove A, Martin M, Eremenco S, McElroy S, Verjee-Lorenz A, Erikson P; ISPOR Task Force for Translation and Cultural Adaptation. Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for patient - reported outcomes (PRO) measures: report of the ISPOR Task Force for Translation and Cultural Adaptation. *Value Health.* 2005;8(2):94-104. doi: 10.1111/j.1524-4733.2005.04054.x
  10. Collins D. Pretesting survey instruments: An overview of cognitive methods. *Qual Life Res.* 2003;12(3):229-38. Available from: <http://goo.gl/IhZRM4>.
  11. Streiner D, Norman G. *Health measurement scales: a practical guide to their development and use.* 4th ed. Oxford: Oxford University Press; 2008.
  12. Haley SM, Coster WJ, Kao YC, Dumas HM, Fragala-Pinkham MA, Kramer JM, Ludlow LH, Moed R. Lessons from use of the Pediatric Evaluation of Disability Inventory: Where do we go from here? *Pediatr Phys Ther.* 2010;22:69-75. doi: 10.1097/PEP.0b013e3181cbbf6.

Recebido para publicação: 01/09/2014

Aceito para publicação/tradução: 15/12/2015